

MORIR ANTES DEL SUICIDIO. PREVENCIÓN EN LA ADOLESCENCIA.

MORRER ANTES DO SUICÍDIO.
PREVENÇÃO NA ADOLESCÊNCIA.

DYING BEFORE SUICIDE.
PREVENTION IN ADOLESCENCE

Olinda Serrano de Dreifuss
Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima
ORCID: 0000-0001-6235-3627
Correo electrónico: olindaserranodedreifuss@gmail.com

Recibido: 15-10-2024
Aceptado: 24-10-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Serrano de Dreifuss O. (2024) MORIR ANTES DEL SUICIDIO.
PREVENCIÓN EN LA DOLESCENCIA.

Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.15

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

MORRER ANTES DO SUICÍDIO. PREVENÇÃO NA ADOLESCÊNCIA.

Resenha realizada
por Olinda Serrano de
Dreifuss¹

Autor: Francisco Villar Cabeza
Ano 2002 - 256 páginas.
Editorial Herder.

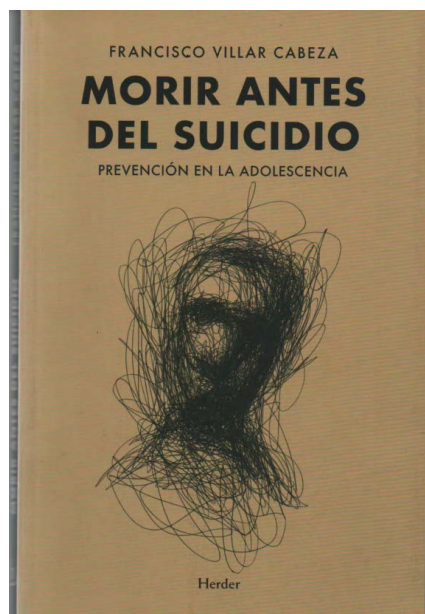
¹ Psicóloga Clínica, Professora e Coordenadora da área de Clínica e Supervisão da Escola do CPPL, Coordenadora do Departamento Freud e membro do Board dos Encontros Winnicott da América Latina

Francisco Villar é Doutor em Psicologia, especialista em suicídio na infância e na adolescência, coordenador do Programa de Atenção à Conduta Suicida do Menor, do Hospital Sant Joan de Déu de Barcelona. É também Professor do Mestrado de Psiquiatria e Psicologia Infantil da Universidade Autônoma de Barcelona.

O autor apresenta sua obra desde um enfoque vital e preventivo: “Esse é um livro sobre a vida.” Na sua obra, define o suicídio na adolescência como uma tragédia para quem interrompe dessa forma sua vida, bem como para a família e o entorno. A partir dessa situação, encontramos reflexões, elaborações e vinhetas de casos clínicos em paralelo à proposta reiterada da prevenção -indispensável em termos de saúde pública- nos diversos espaços nos que os adolescentes vivem e se relacionam. “O objetivo é dar visibilidade -como oferecemos nessa resenha- e oferecer ao leitor elementos de reflexão, apontando para isso os caminhos mais frequentes que percorre um adolescente até a decisão de acabar com sua vida.” (p.12) Esse livro procura se alinhar às expectativas da Organização Mundial da Saúde (2018) e a Organização Panamericana da Saúde (2021) para estimular a participação comunitária na prevenção do suicídio e elas se referem aos diversos âmbitos da interação humana.

A obra começa estabelecendo atitudes de negação e resistência em relação a situações de adolescentes nas quais se trivializa a nível familiar e social uma situação ou problemática interna e externa que devém numa conduta suicida. Dificuldades de autoestima num adolescente, como se sentir muito desvalorizado ou exigida pela família e escola, ou muito sozinho, podem derivar na fantasia de que todos estariam melhor se ele ou ela não estivesse mais lá. A tristeza e a dor psíquica profunda podem se tornar intoleráveis. A família, por sua vez, pode enfrentar angústia, culpa e uma sensação de estigma que impede enfrentar a situação de forma sustentadora.

Nesse sentido, o autor propõe a existência dos seguintes mitos em relação ao suicídio alinhados com a negação: quem fala a respeito não o faz, se alguém resolve ir adiante nada e ninguém vai conseguir impedi-lo, a melhora após uma crise suicida é definitiva, o ato suicida é impulsivo e não pode ser prevenido, o ato suicida é próprio dos transtornos mentais e apenas diz respeito aos psiquiatras e psicólogos.



É importante considerar que a conduta suicida não aparece de forma súbita, mas após um processo de crescente e intolerável mal-estar, desde a ideação, as ameaças, a planificação, os gestos suicidas, tentativas de baixa letalidade ou aquelas que podem chegar à morte por suicídio. Há circunstâncias nas quais pensar na morte é a única forma de continuar vivendo, mas não deve ser confundido com uma solução. A verbalização, gesto ou tentativa suicida pode ser um pedido de ajuda que requer um outro que possa registrá-lo; para isso é fundamental que haja um receptor que transmita compreensão e apoio, como uma base segura onde a pessoa afetada por uma situação intolerável possa se refugiar.

O autor dá ênfase a que “a conduta suicida não é uma forma de chamar a atenção, mas uma forma de pedir ajuda, ainda que se apresente como ameaça e, portanto, deve ser tomada a sério.” (p. 56) Explorar uma pessoa pelas suas ideias de suicídio não aumenta seu risco de cometê-lo, mas, pelo contrário, transmite preocupação e disponibilidade para um espaço de verbalização.

Para prevenir a conduta suicida, Villar Cabeza propõe diversas teorias que se referem a quatro elementos fundamentais a considerá-los integralmente: reduzir a dor ou sofrimento psíquico, aumentar a esperança de alívio e mudança, melhorar a conexão ou vinculação com outros se sentindo útil para alguém em algum projeto pessoal ao invés de um fardo, e reduzir a capacidade de suicídio considerando com cuidado os fatores de risco e oportunidade.

Para atingir essa prevenção, o autor propõe decididamente que temos que recuperar os cenários essenciais, além da família, relativos à infância e adolescência: a escola e os meios de comunicação e de difusão de cultura. Assim, ele analisa cada um desses espaços e suas possibilidades e dificuldades para implementar intervenções de prevenção.

São mostradas experiências e pesquisas nas quais, desde a escola, são realizados treinamentos a professores e inclusive a alunos, para serem cuidadores identificados. Inclui-se, por sua vez, o objetivo do cuidado ao cuidador, no sentido de não sobrecarregar o professor com exigências que não lhe dizem respeito.

É importante observar e promover o quão integrado esteja o adolescente com outros e com alguma sensação de ser útil e valorizado. Os meios de comunicação e a expressão cultural e artística podem ser considerados a partir do temor de contágio até atitudes suicidas ou, por outro lado, desde o “efeito Papageno” ou efeito protetor. A partir da tecnologia e a internet fluem diversos estímulos, informação, contatos, sugestões e conteúdos tanto de risco como possíveis de fornecerem apoio. Diversas vinhetas ilustram nessa obra situações críticas e de risco a partir de

dinâmicas familiares, entre pares, de relações sentimentais e no âmbito escolar.

Finalmente, nas palavras do autor:

Não podemos evitar a dor, mas sim aliviar o sofrimento e transmitir esperança. Quase mais importante até do que aquilo é favorecer que o adolescente se sinta vinculado, sinta que faz parte, sinta que está agarrado à vida com laços relacionais no máximo número de níveis de relação. Porque estar agarrado à vida é incompatível com o desejo de acabar com ela.(p. 236)

Assim, tanto desde uma visão preventiva geral e social, quanto especificamente clínica e psicoterapêutica, recomendamos a leitura deste livro de Francisco Villar Cabeza, considerado por ele como “um trabalho de reflexão compartilhada”. Assim, foi por nós lido, apreciado e dividido em detalhe no Grupo de Atualização do CPPL, conformado por Gladys Luy, Viviana Peña, Margarita Rodríguez, Violeta Saavedra, Vivian Stowers e Olinda Serrano de Dreifuss na coordenação.